

Ana Isabel Moniz

Centro de Artes e
Humanidades da
Universidade da Madeira

DA ILHA AO MUNDO: A ESCRITA DE HELENA MARQUES

[Em Lisboa] Já não vivia numa ilha, mas trazia sempre a ilha dentro de mim, ninguém se liberta de uma ilha. [...]. O mar faz parte intrínseca da teia da minha vida desde os confins do tempo.

Helena Marques

Raízes no mar, JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias, 8-10-1997

No âmbito do 25.º aniversário da Universidade da Madeira, aceitei o desafio de colaborar num livro comemorativo, com um texto da minha área científica que abordasse uma temática que tivesse afinidades com a Universidade da Madeira e/ou a Região Autónoma da Madeira. Perante esse repto, várias seriam as possibilidades para um contributo, embora circunscritas à Literatura e à Cultura, áreas nas quais tenho dedicado grande parte do meu percurso enquanto docente e investigadora.

Foi nesse sentido que não hesitei em abordar a obra de Helena Marques, filha de pais madeirenses que, embora não tendo nascido na Ilha por razões circunstanciais, nela viveu a partir dos três meses de vida – e durante cerca de 36 anos – e nela pensa, em termos estéticos. Uma opção que tanto mais se me afigurou pertinente pelo facto de Helena Marques ter participado no Ciclo de Conversas, “escrever e depois?”, realizadas na nossa Universidade, em 2005. Lugar, por excelência, de domínio do saber humano, uma universidade implica universalidade, bem como abertura à comunidade e ao mundo, uma abertura que se poderá ler no trajeto da

Este texto decorre de parte da investigação feita no âmbito do pós-doutoramento realizado no Centro de Estudos Comparatistas (CEC) da Universidade de Lisboa, com uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

autora quando em 1971 deixa a Ilha rumo a Lisboa, numa metafórica abertura ao mundo.

Desde sempre, as ilhas emergem no imaginário de escritores e de artistas como um lugar simbólico envolvido por uma aura de mistério que por isso mesmo mais desperta a curiosidade e o torna sedutor. A ilha da Madeira, “ilha bela como uma ruína do paraíso” (Correia, 1983, p. 55), esse “reino de magia que durante um ano reteve Ulisses no leito magnífico de Circe”, como a vê Natália Correia (1983, p. 55), tornou-se no cenário privilegiado da maioria dos livros de Helena Marques.

Essa preferência como lugar-base ou de ponto de partida para outros cenários justifica-se pelo facto de a autora ter vivido grande parte da sua vida na Madeira. Talvez por essa valorização, a ilha assumia, por vezes, na obra, o papel de uma personagem, sobretudo dado a ver no modo como cria, modela e influencia mentalidades, comportamentos e, assim, o desenrolar da intriga. É a autora quem confessa essa sua inclinação ou porventura obsessão quando afirma que:

A Madeira é fundamentalmente a grande personagem do meu livro. Nele tento explicar, também, às pessoas o que é viver numa ilha... uma coisa bastante complicada, que marca profundamente quem passou por uma experiência dessas. Viver numa ilha não é viver num continente.^{73]}

Experiências assim transpostas para a ficção, que jamais se afastam da realidade, indo ao encontro da visão que Christine Montalbetti (2001, p. 105)^{74]} parece defender quando afirma que não raras vezes “l’énoncé référentiel mime l’énoncé fictionnel et inversement”. São construções desta natureza que encontramos com alguma regularidade em Helena Marques, nomeadamente nos seus textos temati-

73 Entrevista de Helena Marques concedida a Maria Teresa Horta. Cf. “*O Último Cais - A serenidade da escrita*” (*Diário de Notícias*, Caderno 2. Lisboa, Domingo, 29-03-1992, pp. 2-4).

74 “O enunciado referencial mima o enunciado ficcional, e vice-versa” (tradução nossa).

zados pela viagem, em geral a partir da ilha em direção ao resto do mundo, como forma de desdobrar o percurso textual. Nesse trajeto não deixarão de emergir as representações culturais ancoradas na sua memória ou no registo da memória de outros, bem como em histórias coletivas, nacionais e/ou transnacionais, trabalhadas pela experiência de um tempo presente mediado pela narrativa e moldado por relações interculturais, a cultura de pertença e a cultura de apropriação, veiculadas pelos trajetos percorridos pelo autor empírico também acompanhado por diversas entidades ficcionais.

É neste sentido que a insistente presença do mar e da ilha denuncia as origens da autora e dos seus antepassados que fizeram “inevitavelmente os caminhos do mar [...] para lá [ilha da Madeira] chegar e desdobrar-se em gerações, uma após outra e após outra até ao meu nascimento”^{75]}. É a envolvente sedução do mar, “a surpresa das chegadas, o apelo das partidas, o fascínio das distâncias”^{76]} que irão dar forma e sentido ao imaginário que sustenta a sua escrita. Uma escrita que se constrói a partir de memórias, que além de descreverem e contarem os factos e acontecimentos narrados na ficção falam de quem a escreve, trazendo à tona do discurso aspetos recônditos do autor que, distraidamente, se revela. O modo como se converte em personagem sem, contudo, perder a sua ancoragem no real empírico conduz-nos a marcas reais, que se escondem por detrás das ficcionais, que procuraremos deslindar na produção de Helena Marques, em particular, em *O Último Cais*, o seu primeiro romance, publicado em 1992, para tentarmos observar a fronteira entre o real e o imaginário, o ponto onde ela se esbate e, poeticamente, se transforma em ficção.

Uma abordagem que se torna possível se considerarmos o processo de escrita e de leitura como uma via de acesso ao texto, que implica um movimento de relações complexas, onde se manifestam sinais que dão a ver que um texto pertence a um

75 Entrevista de Helena Marques concedida a Maria Teresa Horta. Cf. “*O Último Cais - A serenidade da escrita*” (*Diário de Notícias*, Caderno 2. Lisboa, Domingo, 29-03-1992, pp. 2-4).

76 A este propósito, a autora afirma que “o mar deu sempre corpo à minha escrita, esteve sempre lá mesmo quando não era perceptível, quando não sobressaía em palavras, preto no branco, em pulsão imediata”. Cf. Entrevista de Helena Marques concedida a Maria Teresa Horta (“*O Último Cais - A serenidade da escrita*”, *Diário de Notícias*, Caderno 2. Lisboa, Domingo, 29-03-1992, pp. 2-4).

determinado sujeito através de marcas distintivas de uma consciência histórica, de um sentimento de pertença a uma comunidade e a um lugar⁷⁷. Inserido num tempo e num espaço particulares, o imaginário do autor tende a manter uma inevitável ligação com paisagens reais que se desdobram e se prolongam no texto, através de múltiplas formas, com as quais se poderá identificar. São esses lugares, reais e concretos, que procurámos reconhecer no primeiro romance de Helena Marques, como expressão local, a de uma autora originária da Madeira, e que nela pensa, em termos estéticos. Lugares da Ilha que a autora evoca na quase totalidade da sua prática ficcional, ao situar as suas narrativas na Madeira, dando lugar a uma subjetividade poética na forma como percebe esses mesmos lugares que servem de cenário à maioria das suas histórias.

Depois de uma carreira de trinta e seis anos no âmbito do jornalismo, Helena Marques surpreende o leitor ao publicar *O Último Cais*, romance escrito aos cinquenta e sete anos, tendo sido galardoada com os mais relevantes de entre os prémios literários atribuídos nesse ano em Portugal⁷⁸. De acordo com a autora, “os anos de jornalismo foram uma escola espantosa de aprendizagem” (Quintino, 1993, p. 9) que lhe concederam uma enorme experiência de pessoas e de acontecimentos da vida e da realidade. E é a acontecimentos reais e a histórias que ouvira contar em criança que Helena Marques vai buscar a matéria-prima dos seus livros, construídos com base na sua “longa memória”:

Cresci, pois, rodeada de muitos Velhos, Velhos maravilhosos e surpreendentes, que me contaram muitas histórias e me legaram uma memória longuíssima – tão longa, na verdade, que sempre me deu a ilusão de recordar, eu própria, factos passados muito antes do

77 Esta questão foi já amplamente abordada por Helena Carvalhão Buescu, *Em Busca do Autor Perdido* (Lisboa: Edições Cosmos, 1998), p. 25.

78 Referimo-nos ao Prémio da Revista Ler/Círculo dos Leitores; Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores; Prémio Máxima – Revelação, Prémio Bordallo de Literatura da Casa da Imprensa e Prémio Procópio de Literatura.

meu nascimento, de tal maneira tinha sido forte, viva e colorida a narração desses episódios. (Marques, 2005, p. 172).

Memórias que aqui se afirmam como expressão de uma experiência individual, assumindo o poder de construir ou reconstituir a identidade, configurando e moldando o futuro a partir de um passado que, aparentemente, permanece mudo.

Ao contrário de Funes, personagem singular do conto de Jorge Luis Borges (1944), cuja memória prodigiosa e absoluta não lhe possibilitava selecionar ou esquecer os elementos memorizados, pois sabia-os todos de cor, desde o início ao fim sem quaisquer intermitências cronológicas, é o legado do passado na sua forma fragmentária que virá assumir o protagonismo na produção ficcional de Helena Marques, no modo como constrói a sua obra:

O passado sempre me interessou e sempre considerei fundamental saber de onde venho e de quem venho, na convicção de que esse conhecimento me explica e me permite entender-me melhor. (Marques, 2005, p. 171)

Um entendimento sobre a própria vida transposto, posteriormente, para a totalidade da sua produção, na maneira como traduz e concebe o papel da memória na construção dos seus livros: “Foi, parcialmente, a partir da minha leitura pessoal [das] memórias [...] que parte da minha obra de ficcionista tem sido construída” (Marques, 2005, p. 172). Até porque, sem memória, o esquecimento levaria a que não houvesse passado, limitando-se a existência a um conjunto de momentos sucessivos do presente, a presença do antes no agora. Sublinhe-se, a este propósito, que José Cardoso Pires, na sequência de um acidente vascular cerebral que lhe provocaria a perda total da memória e, conseqüentemente, “da identidade e de tudo aquilo que ela implica: a relação afetiva e intelectual com o mundo e com os outros, em suma, a razão e a paixão que comandam cada gesto e pensamento

do ser falante” (Guerreiro, 1997)^[79], demonstrou o poder das recordações em *De Profundis, Valsa Lenta* (1997), livro onde narra esse acontecimento biográfico e dramático, essa “morte branca” como o designaria, então, ao afirmar que “sem memória esvai-se o presente que simultaneamente já é passado morto”, acrescentando que “a memória é indispensável para que o tempo [...] possa ser medido com sentido” (Pires, 1997, p. 31)^[80].

A memória, enquanto “tesouro vagamente perdido mas a cada momento repetível” (Morão, 1993, p. 48), assume-se assim como marca de um tempo precedente que, na impossibilidade de tudo guardar, institui o seu sentido na atualização que dele faz, não na sua versão primeira, mas aberta ao rumor dos ecos e, assim, do lembrar. Uma perspetiva que poderá ser encontrada no modo como Helena Marques recupera o passado com que enforma a sua ficção, neste caso, a partir de objetos e também de lugares que irão desencadear as lembranças que, por sua vez, vão dar corpo ao texto. É a partir do diário de Marcos Vaz Lacerda, médico-cirurgião em navios de guerra afetos à Estação de Moçambique” que tinham como missão “fiscalizar e impedir o tráfico de escravos” (Marques, 1992, p. 8), que começa a narração de *O Último Cais* e assim também o texto. O diário encontrado dentro de uma escrivania italiana com mais de duzentos anos fora legado à narradora por Carlota, após a sua morte. Fora ela quem lhe contara “incansavelmente histórias e memórias desse tempo donde eu provinha afinal, desse lado de lá do tempo onde mergulhava a minha própria individualidade, a minha essência, a minha alma” (Marques, 1992, p. 9). É de sublinhar que esse objeto que abre o livro e desencadeia a narração existe:

79 Guerreiro, António, “A morte branca” (*Jornal Expresso*, Lisboa, 24-05-1997).

80 Em *De Profundis, Valsa Lenta*, José Cardoso Pires que faleceu em 1998 vítima de um AVC, escreveu este livro em 1997 descrevendo um outro acidente vascular cerebral, que sofrera em 1996. Relata a fragmentação do eu e o esforço para recuperar a familiaridade dos rostos com que se cruza nos corredores do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, durante o seu internamento na sequência de um acidente vascular cerebral, numa espécie de (re)aprendizagem dos gestos quotidianos que quase se apagaram juntamente com quase todas as suas outras memórias aquando do AVC. Cf. José Cardoso Pires, *De Profundis, Valsa Lenta* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997).

É um diário de bordo de um dos meus bisavós, que era médico, e que fez realmente várias comissões de serviço na Armada na costa de Moçambique. Não é um diário de bordo oficial, era apenas um registo para uso próprio^[81].

Pertença da irmã de Helena Marques foi esse diário que lhe viria a provocar a imaginação: quais as motivações que levariam um homem a abandonar a casa, a família, a terra, os pacientes para viajar no remoto século XIX? Perguntas que encontrariam parte da resposta quando passado algum tempo, e já decidida a escrever a história com base nesse objeto encontrado, a autora lê em jornais antigos na Biblioteca Nacional a notícia da chegada do cirurgião que regressava de Moçambique. Era o seu bisavô. Factos reais que se vêm juntar à escrita para assim criarem e darem corpo à ficção.

Centrando a atenção em personagens presentes ou já ausentes do presente da narrativa, são frequentes vezes as memórias de Helena Marques que permitem recuperar lugares e trajetos e também o livro. Tal poderá ser comprovado através da reconstituição do percurso de Marcos aquando de um dos seus regressos a casa, após uma longa viagem e, por conseguinte, uma longa ausência:

Por deferência especial para com um colega da marinha, o comandante colocou um escalor à disposição de Marcos para conduzi-lo discretamente a terra. [...] [Marcos] Respira fundo o vento que sopra da terra [...], começa a absorver, numa alegria esquecida, os sinais da ilha, a linguagem da sua presença sólida e solitária. [...] Salta na praia, agradece aos marinheiros que logo se afastam de regresso ao navio, e mete-se a caminho, as mãos bem enfiadas nos bolsos. [...]. § No seu passo largo, corta a Rua da Praia e a Praça da Constituição,

81 Entrevista concedida a Lília Bernardes, in *Diário de Notícias: revista*, (Funchal, 3-06-1993, p. 8).

ladeia a Sé, sobe a Rua de João Tavira, contorna o Colégio dos Jesuítas, atravessa a pequena ponte sobre a Ribeira de Santa Luzia e começa a íngreme subida para casa. (Marques, 1992, p. 50).

É desse mapa-vida reconstruído através de recordações e de lugares que a autora procura dar conta na quase totalidade da sua produção ficcional ao apresentar histórias de gerações – duas, três, quatro – que se repetem em alguns dos seus romances e que, dificilmente, se poderão apartar da sua própria experiência de vida, não só em termos pessoais, mas também em termos políticos, históricos e sociais.

Helena Marques não deixa, assim, de manter em aberto um diálogo com os tempos e com os lugares que emergem à superfície da sua memória, num diálogo que deixa transparecer as marcas da sua identidade através do reencontro com os mesmos tempos e com os mesmos espaços outrora percorridos pelo eu. Histórias de venturas e desventuras, de encontros e desencontros, de partidas e de chegadas, de vida, mas também de morte, experiências que retratam o quotidiano e a existência. Uma existência marcada pelo desejo de viagem como necessidade de fuga à clausura provocada pelo mar e, assim, de abertura para o mundo. Trata-se de uma opção de escrita justificada pela autora no Ciclo de conversas em que participou na Universidade da Madeira, em 2005:

As minhas personagens viajam muito, em todos os meus livros. Essa minha opção de escrita reflete, sem dúvida, uma preferência pessoal fortemente impulsionadora, mas nasce também, sem sombra de dúvida, da cicatriz deixada pela clausura do mar – deslumbrante na sua beleza, mas implacável na sua limitação – que senti dia a dia, durante metade da minha vida, numa época em que viajar não era tão fácil, nem tão simples, como se tornaria mais tarde. (Marques, 2005, pp. 173-174)

Uma possível justificação para o facto de a viagem se afirmar como uma temática que se repercute na quase totalidade da sua prática ficcional em cujas deslocações pelo espaço se sobrepõe uma viagem da memória num cruzamento de percursos e de tempos sobre os quais se constrói o texto. Respondendo a um apelo interior, os seus heróis partem à procura de algo que confira sentido ao seu percurso de vida, uma viagem geográfica quase sempre anunciada no *incipit* dos livros, que se desdobrará inevitavelmente numa viagem interior.

Sabemos que a viagem geográfica surge como um motivo estruturante do imaginário literário e um dos temas com maior impacto no mundo ocidental, já que a sua cultura perpetua a memória das grandes viagens que acompanharam a humanidade desde o princípio dos tempos. Sejam as deslocações dos povos primitivos e dos nómadas, às viagens míticas e heróicas descritas nas epopeias, da viagem bíblica em busca da Terra Prometida, a das peregrinações e das descobertas, da viagem científica dos séculos XVIII e XIX, até às do século XXI, por outros mundos fora do mundo, a viagem sempre foi decisiva na determinação de conquista e consolidação da vida física e interior que o Homem sempre ambicionou. Neste sentido, a experiência da viagem, indissociável do percurso da humanidade, dá lugar a diversas modalidades de deslocação. Seja como necessidade, desejo de aventura ou de evasão, fuga ou procura de melhores condições de vida, a experiência viática apreendida como busca de um lugar alternativo ao de origem implica sobretudo uma travessia interior através da qual inevitavelmente se produz a transformação do sujeito, ao viver novas experiências que lhe permitem encontrar o lugar do eu, e sobre ele refletir.

Essa mesma prática da viagem poderá ser encontrada no percurso dos trajetos representados em *O Último Cais*, onde a autora parece propor a ambiguidade de um duplo percurso: da deslocação pelo espaço exterior de um macrocosmos geográfico, onde se inscrevem diversas referências a travessias de barco entre a Madeira, Moçambique e a Guiana Britânica parece depreender-se uma outra modalidade de viagem, a dos meandros do espaço interior da autora, através do registo de uma narração que se molda à configuração de um microcosmos da subjetividade e de memórias, abrindo-se à reflexão da sua escrita como uma via de acesso ao texto e ao autor.

Embora *O Último Cais* centre a sua ação na ilha da Madeira, na segunda metade do século XIX e início do século XX, a autora não deixará de referir as inúmeras viagens levadas a cabo pelas suas personagens ao mesmo tempo que sublinha a necessidade de ligação da Ilha com o resto do mundo. A dependência dos navios que asseguravam esse vínculo, já que são eles que “levam e trazem, ligam e desligam, ninguém saberia delas [ilhas] nem das suas gentes, seria como se não existissem, não estariam representadas em nenhum mapa, nenhum livro daria notícias delas” (Marques, 1992, p. 109), torna-se evidente ao ponto de ser instituído como um importante acto social o dia de chegada de um navio ao porto. Assim:

[...] dia de navio era dia de festa. E ir ao porto, mesmo sem pretexto de partida ou chegada, significava muito mais do que um gesto mundano, era um acto social. Implicava encontro e convívio, nostalgia do desconhecido e desejo de viajar, ténue inquietação pela estrada interrompida e reconfortante certeza de que o resto da Terra, afinal, não esquecerá a Madeira nem a negligenciara. (Marques, 1992, p. 21)

Viagens geográficas que se desdobram pelo espaço da memória da identidade cultural da ilha da Madeira, lugar onde a autora viveria quase metade da sua vida, que permitem dar a ver tradições, modos de agir e pensar, hábitos incutidos e vividos transportados para os seus livros, numa sobreposição de lembranças, factos e ficção:

Encerrados pelo mar, sentindo-lhe o limite e a fronteira, o isolamento e a prisão, os Madeirenses, como todos os ilhéus, organizavam-se em função das comunicações. Os barcos, a mala-posta, agora o telégrafo – a vida insular dependia inteiramente da sua actividade e da sua eficácia como instrumento de

ligação. [...] Os Madeirenses amavam o telégrafo com o mesmo sentido de sobrevivência com que amavam os navios. Um e outro constituíam pontes para o mundo. (Marques, 1992, p. 21)

Numa entrevista concedida ao *Diário de Notícias*, Helena Marques refere essa necessidade de contar experiências de vida através da sua memória, marcas culturais do universo insular com que cinzelou a sua identidade:

Achei que a Madeira precisava de ser contada da forma como eu a via. Não era só o bailinho e os carros de bois, a Madeira tinha uma história, uma dignidade e um requinte, que em certa medida só havia no resto do país nos estratos sociais mais elevados. Não havia quem não soubesse servir um chá⁸².

Trata-se de memórias que inevitavelmente a autora transpõe para a ficção no modo como encena e recria cenários, em grande parte da Ilha, deixando de ser participante para se tornar espectadora já sob o prisma do seu olhar crítico. Como em outras artes, a literatura apropria-se dos espaços do mundo empírico, dependendo a sua representação do imaginário geográfico de cada autor. Sublinhe-se que cada nação, com os seus escritores, recupera na maioria das vezes as tendências culturais da sua origem, sendo, pois, neste sentido que se deverá admitir a existência de uma literatura-mundo, expressão retomada por Helena Buescu (2013) a partir da tradução francesa “littérature-monde”, proposta em 2004 para tradução de Weltliteratur ou World literature⁸³, já que no seu complicado processo de cons-

82 Entrevista concedida a Sandra Cardoso, *Revista Mais, Diário de Notícias* (Funchal, 10-06-2012, p. 6).

83 Utilizado inicialmente pelo historiador August Schlozer, em 1773, para se referir a diferentes expressões literárias mundiais, Weltliteratur terá surgido no século XIX como herdeiro do conceito renascentista République des Lettres. Cf. Buescu, Helena Carvalhão, *Experiência do Incomum e boa vizinhança. Literatura Comparada e Literatura-Mundo* (Porto: Porto Editora, 2013, p. 53).

tituição literária, a ficção estabelece relações com a vida de todos os dias, no modo vacilante como liga a história à intriga e ao contexto espaço-temporal (Seixo, 1986, p. 161).

Recuperando experiências vividas, numa fusão entre o real e o imaginário plasmada nos textos, Helena Marques procura reconstituir o sabor de outros tempos, tempos idos que foram os seus, e que através dos lugares e da escrita lhe voltam de certo modo a pertencer. Seja através da viagem pela memória, pela História e pela escrita, na produção de Helena Marques tudo parece convergir para uma abertura a outros espaços e a outros tempos, numa metafórica abertura da ilha ao mundo.

Diria, com Miguel Real, que as narrativas de Helena Marques, como as de João de Melo relativamente aos Açores, mostram uma perpétua mobilidade onde se busca através da narrativa “esse lugar ideal, gerando nas personagens, um labirinto de demanda de um lugar melhor, forçando-as, como novos nómadas, a deambularem geograficamente por diversas moradas até ao encontro da definitiva” (Real, 2012, pp. 29-30).

Referências bibliográficas

- Borges, J. L. (1979). Funes, o Memorioso. In *Prosa Completa*. Vol. 1, (pp. 477-484). Barcelona: Ed. Bruguera.
- Buescu, H. C. (1998). *Em Busca do Autor Perdido*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Buescu, H. C. (2013). *Experiência do Incomum e Boa Vizinhaça. Literatura Comparada e Literatura-Mundo*. Porto: Porto Editora.
- Correia, N. (1983). *A Ilha de Circe*. Lisboa: Edição Publicações Dom Quixote.
- Guerreiro, A. (1997, 24 de maio). A morte branca, *Jornal Expresso*. Lisboa.
- Marques, H. (1992). *O Último Cais*. Lisboa: Edições Dom Quixote.
- Marques, H. (2005). O fim do caminho, in A.I. Moniz, D. Pimentel & T. P. dos Santos (org.). *e depois? sobre cultura na Madeira*. Funchal: Universidade da Madeira.
- Montalbetti, C. (2001). Les séductions de la fiction: enjeux épistémologiques.

In P. Antoine & M.-C. Gomez-Géraud (coord.). *Roman et récit de voyage*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne.

Morão, P. (1993). *Viagens na Terra das Palavras*. Lisboa: Edições Cosmos e Paula Morão.

Pires, J. C. (1997). *De Profundis, Valsa Lenta*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Real, M. (2012, julho-dezembro). Helena Marques. Seis pontos, *Revista Islenha*, 51, Funchal: DRAC, 27-30.

Seixo, M. A. (1986). *A Palavra do Romance – Ensaio de Genologia e Análise*. Lisboa: Livros Horizonte.

Entrevistas a Helena Marques

Maria Teresa Horta, “O Último Cais: a serenidade da escrita” (*Diário de Notícias*, Caderno 2, Lisboa, 29-03-1992).

Carlos Quintino (NR, setembro 1993).

Lília Bernardes (*DN Revista, Diário de Notícias*, Funchal, 03-06-1993).

Sandra Cardoso (*Revista Mais, Diário de Notícias*, Funchal, 10-06-2012).

“Raízes no mar”. (*JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 08-10-1997).